

O KITSCH: UMA ANÁLISE GERAL DO CONCEITO À CRÍTICA

Marcos Elizio Paes (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Patrícia Coradim Sita (Orientador),
André Luiz Cruz Sousa (Coorientador). E-mail: ra126641@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Filosofia/Estética.

Palavras-chave: Kitsch. Arte. Fenômeno Estético.

RESUMO

O projeto teve como objetivo compreender o fenômeno do kitsch em sua relação com a arte, a cultura e a sociedade, tomando como referência as análises de Abraham Moles e Theodor Adorno. A metodologia consistiu na leitura e interpretação das obras centrais desses autores, associada a uma revisão bibliográfica complementar, a fim de articular uma abordagem comparativa entre a descrição tipológica e empírica de Moles e a crítica filosófica e ideológica de Adorno. Os resultados apontaram que, para Moles, o kitsch funciona como uma linguagem simbólica da sociedade de consumo, estruturada por categorias como acumulação, inadequação e conforto, representando uma forma adaptativa de relação estética entre indivíduo e objetos. Já Adorno identificou o kitsch como produto da indústria cultural, caracterizado pelo esvaziamento das formas artísticas e pela função ideológica de mascarar contradições sociais, transformando sofrimento em sentimentalismo e bloqueando a experiência estética autêntica. A discussão evidenciou tanto a convergência dos autores na percepção da centralidade do kitsch na modernidade quanto a divergência em seus enfoques, já que Moles privilegia a descrição funcional e Adorno a denúncia crítica. Conclui-se que o kitsch é simultaneamente produto e sintoma da sociedade contemporânea, revelando tensões entre arte e mercadoria, crítica e adaptação, e permitindo compreender como a sensibilidade moderna é moldada pela cultura de massa e pela estetização do consumo.

INTRODUÇÃO

O termo “kitsch” é amplamente discutido no campo da filosofia estética, sendo popularmente caracterizado como “arte de mau gosto” ou “falsa arte”. Para Abraham Moles, engenheiro, psicólogo e teórico francês, trata-se de um fenômeno conotativo e intuitivo que expressa uma forma de relação do indivíduo com os objetos, mais próxima de um modo de ser do que de um estilo artístico propriamente dito. Nesse sentido, o kitsch transcende a aparência imediata ou o significado literal, constituindo-se em uma rede complexa de associações emocionais, culturais e sociais. Theodor Adorno, por sua vez, define o kitsch como o resíduo de formas e ornamentos que

perderam sua vitalidade, mas que permanecem como fragmentos de um universo formal esvaziado. Assim, a chamada “arte kitsch” reaproveita moldes outrora autênticos, deslocados de sua função original e ressignificados como simulacros culturais. Na obra *O Kitsch: A Arte da Felicidade*, Moles aborda o fenômeno em sua etimologia, gênese, funcionamento e impacto na vida social, destacando que sua lógica se fundamenta na produção e no consumo em massa. O kitsch, nesse sentido, representa uma estética da repetição e da cópia, produzindo objetos destituídos de autenticidade e atuando como fato social alienador. Adorno, por sua vez, analisa o kitsch de forma crítica, sobretudo a partir da música. Para ele, trata-se de uma forma degradada de arte, que mescla elementos de estilos passados com materiais banais da sociedade contemporânea, resultando em produções esteticamente atraentes, mas carentes de profundidade e autenticidade, reforçando padrões culturais dominantes.

A partir dessas leituras, a pesquisa buscou compreender o conceito de kitsch em seus aspectos gerais, analisando sua origem, seu funcionamento e seus efeitos sobre a sensibilidade moderna, de modo a esclarecer sua relação com o indivíduo, a sociedade contemporânea e o papel que desempenha na estrutura cultural atual.

MATERIAIS E MÉTODOS

Leitura e análise da bibliografia de Abraham Moles e Theodor Adorno pertinente ao tema do Kitsch, bem como outras obras que discutem o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura conjunta de Abraham Moles e Theodor W. Adorno sobre o kitsch revela não apenas duas interpretações de um mesmo fenômeno, mas também duas concepções de arte, cultura e sensibilidade na modernidade. Em comum, ambos reconhecem a onipresença do kitsch na cultura de massas e sua íntima relação com processos sociais e materiais típicos da era industrial e urbana. Divergem, porém, quanto ao valor e à função dessa estética: onde um vê um modo de organização simbólica do cotidiano, o outro identifica um mecanismo de mistificação que desativa a força crítica da arte.

Em Moles, o kitsch é abordado pelo que o próprio nomeia “método tipológico”, como um “fato estético total” que estrutura a relação entre pessoas e objetos. Seu enraizamento histórico estaria associado a contextos de acesso à opulência, em que o aumento de meios e oportunidades expande a circulação de mercadorias e imagens. Inserido numa civilização consumidora que produz para consumir e cria para continuar produzindo, o kitsch favorece uma sensibilidade orientada ao conforto, à familiaridade e ao reconhecimento imediato. Moles descreve essa estética como linguagem simbólica acessível, marcada por redundância, acúmulo decorativo e desproporção, que oferece ao público um repertório comunicacional de fácil decodificação. Em vez de julgá-la a partir de um ideal normativo de arte, ele a observa como sistema, capaz inclusive de cumprir uma função pedagógica: o gosto comum poderia se

depurar mediante sucessivas aproximações, passando pelo “mau gosto” rumo a critérios mais exigentes de apreciação.

Adorno, por sua vez, assume uma perspectiva crítico-filosófica. Para ele, o kitsch é simulacro de arte e forma ideológica de acomodação. Resulta do reaproveitamento de fórmulas e ornamentos esvaziados de seu contexto originário, convertidos em clichês compositivos que prometem emoção sem conflito e beleza sem negatividade. A indústria cultural, ao reciclar retóricas de estilos pretéritos na música, por exemplo, temas românticos transformados em efeitos de fácil consumo, oferece satisfação imediata que pacifica a contradição e bloqueia a experiência estética autêntica. Em lugar de provocar reflexão, o kitsch consola; em vez de desestabilizar, confirma expectativas; ao reproduzir padrões já assimilados, elimina a tensão formal que impulsiona o pensamento, reforçando a alienação e iludindo o público quanto às condições efetivas de sua existência.

Do olhar comparativo entre as duas abordagens emerge uma tensão fértil. Moles observa, classifica e explica o kitsch como expressão simbólica inevitável da sociedade de consumo; Adorno o denuncia como ideologia que anula a legitimidade da arte e transforma contradições em harmonia aparente. Há, contudo, convergência quanto à centralidade do fenômeno na organização simbólica da vida moderna: trata-se de uma presença disseminada em diferentes esferas da vida cotidiana, que se impõe sem recorrer à coerção explícita. Se, para Moles, essa presença pode ser compreendida como forma adaptativa da sensibilidade, para Adorno ela opera como mascaramento. Esse descompasso enriquece o entendimento do kitsch: ao mesmo tempo produto e sintoma da modernidade, ele espelha seus excessos e atua como engrenagem de sua conservação simbólica, exigindo, da teoria e da prática artística, vigilância constante para que a própria crítica não se converta naquilo que combate.

CONCLUSÕES

Ambos os autores (Adorno e Moles) reconhecem que o kitsch é uma presença incontornável na cultura de massas, mas divergem quanto ao seu valor e função. Enquanto Moles mapeia os modos de manifestação do Kitsch como resposta simbólica à experiência urbana e industrial moderna, Adorno pretende desvelar o papel do Kitsch na neutralização da experiência estética autêntica. Para ele, o Kitsch transforma a arte em consolo e reforça a lógica da alienação. Ao recusar a negatividade da forma e reproduzir padrões já assimilados, o kitsch elimina a tensão constitutiva da arte crítica e esteriliza o pensamento. Nesse contraste, o que Moles busca classificar como manifestação simbólica e comunicacional, Adorno denuncia como falsificação da experiência estética. Ambos concordam que o Kitsch é inseparável das transformações sociais e materiais da modernidade, mas enquanto um vê nele uma forma adaptativa da sensibilidade, o outro o identifica como operador de mistificação. Essa tensão entre descrição e denúncia enriquece o entendimento do fenômeno: o kitsch é, ao mesmo tempo, produto e sintoma da modernidade, reflexo de seus excessos e instrumento de sua conservação simbólica.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de bolsa durante o período de desenvolvimento deste projeto.

REFERÊNCIAS

Livros

ADORNO, T. W. **Indústria Cultural**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos Filosóficos. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.

MOLES, A. **O Kitsch**: A Arte da Felicidade. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1986.